



Conheça a visão de
analistas e lideranças
que participaram
do Congresso
Mundial da
Carne em
São
Paulo

ESPECIAL

CARNE PARA O MUNDO

Pecuária brasileira consolida liderança no mercado internacional e se organiza para derrubar barreiras

Sumário

Pecuária brasileira consolida liderança no mercado internacional e se organiza para derrubar barreiras	E1
Conheça a visão de analistas e lideranças que participaram do Congresso Mundial da Carne em São Paulo.....	E1
Tendência é favorável para o mercado veterinário.....	E2
Os desafios da pecuária brasileira.....	E3
Importância da indústria de suplementos minerais para o desenvolvimento sustentável da pecuária	E4
Diretrizes para os próximos três anos	E5
Contexto global	E7
Potencial brasileiro	E9

Argentina: Aumento da Produção.....	E10
Uruguai: Alianças estratégicas.....	E11
Colômbia: Cenário para 2019	E12
Argentina: Crescimento ou canibalização	E13
Europa: Mercado atraente	E13
Saúde animal e comércio internacional	E14
Febre aftosa.....	E15
Bem-estar animal.....	E16
Conceito: Bem-estar animal.....	E17
A carne na nutrição humana.....	E18
O gado zebu.....	E18
O varejo e o consumidor	E19
Infra-estrutura para exportação	E20
EUA: Tipificação de carcaças	E22

**EMÍLIO SALANI**

Presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para a Saúde Animal (Sindan)

Tendência é favorável para o mercado veterinário

Qual é a previsão do Sindan para as vendas de produtos veterinários em 2007?

EMÍLIO SALANI O mercado de produtos veterinários (farmacêuticos e biológicos com fins terapêuticos) movimenta em torno de R\$ 2,2 bilhões por ano e deve fechar 2007 com crescimento entre 5% e 6%. Vamos chegar ao redor dos R\$ 2,3 bilhões, mas é difícil ainda arriscar um número final, porque a campanha de vacinação contra a febre aftosa começou este mês.

O resultado da vacinação pode levar ao Sindan a aumentar a sua estimativa?

SALANI Nós temos uma previsão de comercialização de cerca de 150 milhões de doses de vacina entre outubro e novembro. Mas, além da receita proveniente da venda de vacina, temos de considerar a comercialização de outros produtos veterinários, como carrapaticidas, endectocidas, melhoradores de *performance* e polivitamínicos. Quando o pecuarista fecha o gado para vacinar, ele aproveita para aplicar outros produtos. Então, os três últimos meses, principalmente outubro e novembro, são cruciais para se definir o faturamento do ano.

Qual é o peso da pecuária de corte no mercado de produtos veterinários?

SALANI Ela representa 56% do mercado. Depois vêm a avicultura e a suinocultura. O pecuarista hoje está mais consciente da importância da sanidade para o seu rebanho. Aquelas cenas do sacrifício de animais na Inglaterra, por causa da aftosa, tiveram um grande impacto. Devido à necessidade de ter um negócio

rentável, o produtor passou a compreender a importância de manter um bom programa sanitário.

Quais são os benefícios de um programa sanitário?

SALANI Há uma série de vantagens. Ele evita a perda de bezerros, melhora o ganho de peso dos animais, possibilita terminar o animal com mais rapidez, encurta o intervalo entre partos. São índices que levam à melhoria da *performance*. E *performance* é sinônimo de rentabilidade.

A liderança do Brasil nas exportações mundiais de carne bovina contribui para convencer o pecuarista da necessidade de cuidar melhor do seu rebanho?

SALANI Com certeza. Ele trabalha hoje com a esperança de aumentar seu lucro devido ao crescimento das vendas de carne no mercado externo. O produtor de bovinos hoje está preocupado em melhorar as pastagens, em jogar um touro melhor, em encurtar o período de abate, em fazer um semi-confinamento. Tudo isto pensando em participar dessa oportunidade do mercado. Ele sabe que isto pode reverter em lucro para o seu negócio.

Qual é a expectativa do Sindan para 2008?

SALANI Depende muito de como vamos fechar este ano. Se os preços de aves, suínos, bovinos e leite continuarem em alta, com tendência de estabilidade, 2008 vai ser um ano excelente para as empresas de produtos veterinários. Há uma redução de disponibilidade de pastagens, por causa da forte expansão da cana nas terras nobres. Pará, Maranhão e Rondônia sempre foram dedicados à cria. E a tendência é que a terminação se transfira para lá também. Eu acho que vão perdurar aqueles pecuaristas que fizeram o ciclo completo: cria, cria e engorda.

O aumento da renda do produtor de leite teve um efeito imediato nas vendas de produtos veterinários?

SALANI Sem dúvida. O produtor de leite precisa de um programa sanitário forte, principalmente quando aumenta a sua produção. Ele precisa limpar carrapato e berne. Precisa de hormônios para fazer um protocolo de inseminação. E tem de vacinar o gado contra a febre aftosa, contra a raiva, proteger a fêmeas da brucelose, aplicar vacinas respiratórias. Uma série de procedimentos.

Como o senhor avalia o trabalho do governo na área de sanidade animal?

SALANI O governo tem técnicos competentes e programas estabelecidos. O grande problema do MAPA é a questão financeira. O problema maior não é o volume do recurso, mas a execução orçamentária. O próprio ministro da Agricultura declarou em setembro que o governo havia conseguido empenhar e executar apenas 30% do orçamento. O ministro mesmo disse outro dia que entre empenhar e executar a despesa vai uma légua.



SEBASTIÃO COSTA GUEDES,
Presidente do Conselho Nacional
de Pecuária de Corte (CNPIC)

Os desafios da pecuária brasileira

Como o senhor avalia o avanço da pecuária brasileira?

SEBASTIÃO COSTA GUEDES A pecuária brasileira registrou um notável crescimento nos últimos anos. Hoje, o País abate cerca de 44 milhões de animais por ano e lidera as exportações mundiais de carne bovina. Os índices de produtividade comprovam a modernização da nossa pecuária e indicam que o País tem potencial para ampliar ainda mais o seu mercado no exterior, fornecendo ao mundo carnes seguras, de elevada qualidade e com sabor de natureza.

Qual é o caminho para o país ampliar o seu mercado de carne lá fora?

GUÉDES Para fazer valer a nossa vocação, é preciso vencer as barreiras que limitam o nosso crescimento. A superação desses obstáculos depende de um trabalho sincronizado entre os setores público e privado no sentido de capacitar e fortalecer os serviços de defesa sanitária. Uma das questões estratégicas para o Brasil é a erradicação da febre aftosa. O combate à febre aftosa evoluiu muito nos últimos 15 anos. Tivemos avanços notáveis, mas precisamos evoluir mais.

Agregar valor à carne é outro grande desafio do País.

GUÉDES Qualidade, sanidade e sustentabilidade são as principais exigências do mercado internacional. Para consolidar a sua liderança no comércio mundial de carne e agregar cada vez mais valor a seus produtos, o Brasil deve mostrar credibilidade, notadamente na questão sanitária. E nesse ponto a erradicação da febre aftosa tem papel emblemático. É uma forma

de comprovar ao mundo que temos uma infra-estrutura de vigilância sanitária eficiente.

Qual é a receita para o País acabar com a febre aftosa?

GUÉDES A erradicação da aftosa é uma tarefa continental. No Brasil, hoje a doença está concentrada em áreas delimitadas de fronteira. O Brasil Central e litorâneo acabou com a aftosa há muito tempo. Temos de incrementar a vacinação nos animais jovens e aceitar que, infelizmente, existem regiões no nosso continente onde a circulação viral persiste. Para essas regiões, cabe aliar um bom sistema de cadastro de propriedade e de animais a um sistema eficiente de vacinação e de fiscalização. Se isso for realizado por um período de quatro ou cinco anos, conseguiremos erradicar a doença clinicamente e, conseqüentemente, haverá uma redução drástica da circulação viral.

Além da sanidade, quais são as outras exigências do mercado internacional de carne bovina?

GUÉDES O consumidor também exige responsabilidade social e sustentabilidade. Ele quer saber o que está comendo, de onde vem a carne e de que maneira o boi foi criado. A rastreabilidade exigida pela União Européia, embora não tenhamos a BSE ou “vaca louca”, deve ser incentivada e bem fiscalizada pelas autoridades de defesa sanitária no campo. Desmatamentos na Amazônia, queimadas e trabalho escravo são temas constantes na mídia internacional. As notícias, na grande maioria das vezes, são exageradas e injustas.

O Brasil não sabe fazer o marketing de sua carne?

GUÉDES Na verdade, os consumidores lá fora têm poucas informações sobre a agropecuária brasileira. Eles não sabem que o Brasil conta com uma moderna rede de frigoríficos. Também desconhecem as condições em que os bovinos são criados, que são muito superiores daquelas que a Europa pratica. Aqui 85% da carne são feitos no pasto. Isso precisa ser mais divulgado no exterior. Precisamos fazer um *marketing* moderno para derrubar os mitos e agregar mais valor à carne brasileira no exterior. No mercado interno, devemos incluir a carne na merenda escolar. É uma forma de educar as crianças e de criar um hábito de consumo de um produto saudável. Os criadores, frigoríficos e exportadores precisam ter uma união forte para consolidar e expandir nossa presença na liderança do mercado internacional da carne bovina e viabilizar nossa entrada nos mercados de alto valor agregado.



SERGIO CARLO FRANCO MORGULIS

Presidente da Asbraz (Associação Brasileira das Indústrias de Suplementos Minerais)

Importância da indústria de suplementos minerais para o desenvolvimento sustentável da pecuária

A pecuária no Brasil vem apresentando um crescimento extraordinário há alguns anos, com elevação não somente dos índices de produtividade dos rebanhos, mas também da qualidade da carne e do leite produzidos. Basta observar a produção de carne vermelha no Brasil, que saltou de 6.650 toneladas de equivalente-carcaça, em 2000, para 8.950 toneladas em 2006, um crescimento de 36 % no período, segundo o MAPA.

Vários fatores têm impulsionado o crescimento da pecuária, entre eles o manejo racional, o eficiente controle sanitário, o avanço da genética e, em paralelo, a indústria de suplementos minerais, que está se especializando cada vez mais na busca de tecnologias inovadoras e soluções em nutrição animal.

Como disse o ex-ministro Roberto Rodrigues, em artigo publicado recentemente na *Folha de S. Paulo*, é a tecnologia que reduz os custos, aumentando a qualidade e a produtividade, colocando o produto ao alcance do gosto e do bolso do consumidor.

O crescimento sustentável da pecuária nacional depende, nos novos tempos, do respeito não apenas ao meio ambiente, como principalmente aos consumidores de carne e leite por meio da preservação da sua saúde.

Essa é uma das razões da necessidade de ofertar ao mercado suplementos minerais cientificamente equilibrados, produzidos com alta tecnologia e por meio de eficientes controles de qualidade, com ética, moral e garantia de segurança ao consumidor.

Com o objetivo básico de garantir a produção de produtos seguros para a alimentação animal, o Sindirações (Sindicato Na-

cional da Indústria de Alimentação Animal), em conjunto com as associações Asbraz e Andifos e o Ministério da Agricultura, elaborou o programa Feed & Food Safety, reconhecido e aceito por clientes e entidades de várias partes do mundo.

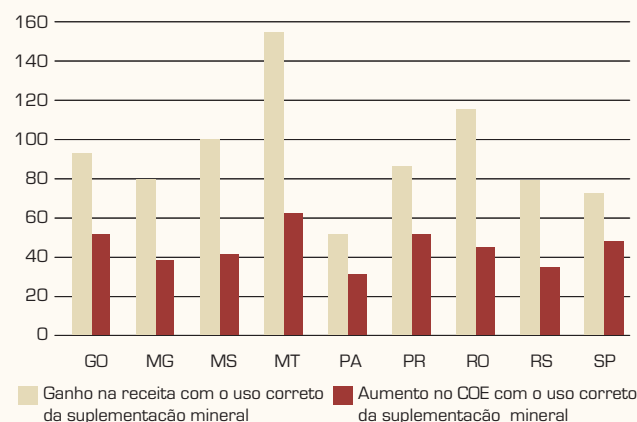
O início do processo de certificação da indústria nacional de suplementos favorece toda a cadeia, ao adquirir maior confiabilidade e elevar o padrão e a segurança dos produtos.

Nos novos tempos da pecuária nacional, a correta suplementação mineral é fundamental para o desenvolvimento sustentável da pecuária, pelo simples fato de gerar benefícios econômicos.

Segundo pesquisas do professor Sergio de Zen, do Cepea/USP, o uso de suplementos minerais promove uma significativa evolução do lucro por hectare das fazendas, devido basicamente ao aumento da produtividade do rebanho. A pesquisa do Cepea/USP destaca ainda que, na ausência de suplementação mineral, há uma forte perda de competitividade do setor por outras atividades agropecuárias.

O uso correto da suplementação mineral é fundamental para ganhos futuros na atividade pecuária, razão pela qual o in-

Ganhos com o uso adequado da suplementação mineral (R\$/ha)



Fonte: Cepea/Esalq-USP

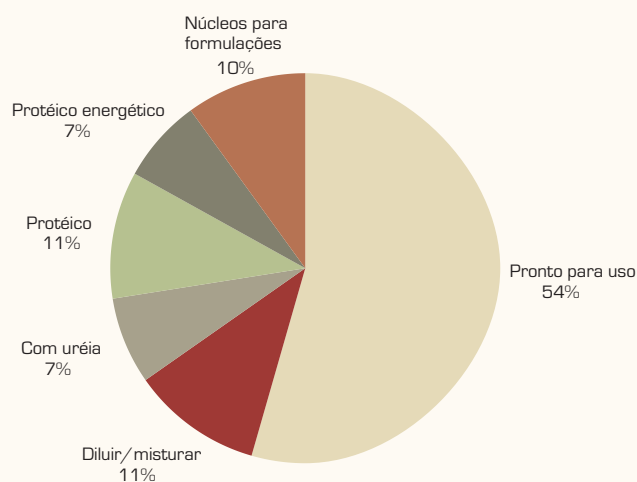
Nota: Em Goiás, há um aumento no COE (Custo Operacional Efetivo), de R\$ 50/ha com o uso do suplemento mineral comparado à ausência total de suplemento. Contudo há um aumento na receita de R\$ 90/ha. Isso significa que o produtor tem um ganho de R\$ 40/ha a mais, ao fazer o uso adequado da suplementação mineral.

sumo deve ser avaliado pelo produtor rural dentro da ótica da relação custo-benefício, e não apenas como mais uma despesa da fazenda. Não utilizar suplementos minerais para bovinos em regime de pasto, alegando redução de despesas, significa perda da eficiência econômica da atividade pecuária.

Particularmente em 2007 o setor de suplementos minerais está enfrentando pressões nos preços das matérias-primas, devido ao grande crescimento da agricultura – ávida por fertilizantes fabricados com a mesma base para a produção de ácido fosfórico e uréia – e da demanda de outros setores por farelos e grãos.

Contudo, as perspectivas da indústria de suplementos minerais continuam sendo de crescimento, uma vez que para o desenvolvimento de uma pecuária de qualidade e sustentável, seu uso correto faz-se cada vez mais necessário. De acordo com dados da Asbram, o volume comercializado de suplementos para a pecuária no ano de 2006 foi superior a 1,8 milhão de toneladas. Esta quantidade é suficiente para suplementar corretamente mais de 80 milhões de bovinos por ano em todo o território brasileiro. Outros 100 milhões de cabeças deverão seguir o caminho da maior produtividade nos próximos anos.

Mercado nacional de suplementos para a pecuária: distribuição por categorias de suplementos em 2006



Fonte: Painel da ASBRAM – Associação Brasileira das Indústrias de Suplementos Minerais.



MARIO SERGIO CUTAIT

Presidente do Sindirações (Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal)

Diretrizes para os próximos três anos

Em 2008, o Sindirações completará 55 anos. Neste período de existência, a entidade destacou-se pelo trabalho incessante para a promoção da indústria brasileira de alimentação animal. Durante 18 gestões, inúmeros líderes do segmento da nutrição de animais deram sua contribuição para o aumento da representatividade do setor no meio acadêmico, no governo, na mídia especializada e com participantes da cadeia da alimentação no Brasil e no exterior.

Nos últimos anos, notadamente, o Sindirações expandiu suas fronteiras. A filiação à Ifif – International Feed Industry Federation, a participação ativa nas discussões no *Codex Alimentarius* na FAO, e a parceria com a Afia – American Feed Industry Association permitiram às indústrias brasileiras de alimentação animal a integração oficial à rede de entidades internacionais do setor, tendo acesso a informações privilegiadas. Ao mesmo tempo, os dados gerados pelas consolidações estatísticas de volume de produção e consumo de matérias-primas e de produtos acabados, apresentados nos boletins trimestrais e no Annual Report, tornaram-se fonte de referência nacional e internacional.

Além disso, a entidade está liderando a criação da Feed Latina – Associação das Indústrias de Alimentação Animal da América Latina e Caribe, que juntas produzem quase 100 milhões de toneladas de alimentos anualmente.

O Programa de Boas Práticas de Fabricação, elaborado pelo Sindirações em 2000 e conhecido anteriormente como BPF, hoje se transformou no Feed & Food Safety – Gestão do Alimento Seguro, tornando-se o único do mundo em alimentação animal a ser reconhecido pelo Eurep (Euro-Retailer Produce Working Group) como equivalente ao seu próprio programa.

Ainda nessa linha de expansão, o Sindirações também organizou duas edições do Global Feed & Food Congress, numa realização conjunta com a FAO e a Ifif, eventos que contaram com mais de uma centena de palestrantes internacionais, especialistas que atraíram cerca de mil participantes altamente qualificados.

Ao final deste ano, o Sindirações contará com quase 200 empresas associadas – 80% da produção brasileira –, e o Brasil terá produzido 52 milhões de toneladas de rações, representando faturamento superior a US\$ 10 bilhões. O País exportará milhões de toneladas de carne bovina, de frango e suína, com geração de divisas e saldo extremamente positivo na balança comercial.

Reconhecendo a importância dos produtos de nutrição animal na cadeia do alimento como um todo, e, especialmente, considerando o cenário mundial da alimentação, a nova diretoria do Sindirações, eleita no último mês de agosto, pautará sua atuação fundamentada em quatro pilares: sustentabilidade, segurança alimentar, isonomia e competitividade.

No próximo triênio, a equipe será composta por 21 integrantes do Conselho de Administração, seis do Conselho Fiscal, 18 diretores setoriais e sete coordenadores de comitês. Entre todos, sete integrarão a diretoria executiva, que contará com um diretor executivo com dedicação integral ao sindicato.

Visando ao pleno cumprimento da missão do Sindirações, que é promover e representar a indústria brasileira da alimentação animal, sendo seu efetivo porta-voz nacional e internacionalmente, destacam-se as metas pelas quais a diretoria direcionará seus esforços no segundo mandato:

Representatividade:

- Ampliação do número de empresas associadas, visando a atingir 90% do mercado brasileiro da alimentação animal.
- Aumento da participação nas Câmaras Setoriais, tanto nacionais quanto estaduais.
- Ampliação do relacionamento com entidades internacionais, como FAO, Ifif, Fefac, Afis, Cfia, LAFIA, Amena, WRO, OIE, WHO.
- Ampliação do relacionamento com entidades nacionais, como MAPA e suas Delegacias, Fiesp, CNA, Anvisa, Receita Federal, Abiec, Abipeccs, Abef, UBA, CBNA, Sindan, CNPC, Abag, Inmetro, Senai, Sebrae, CRMVs, Creass, Secretarias Estaduais entre outras.
- Ampliação do relacionamento com parlamentares alinhados com o agronegócio.
- Ampliação do relacionamento com universidades e centros de pesquisa.
- Realização de missões internacionais para integração do empresariado brasileiro a uma agenda globalizada.
- Maior aproximação dos elos da cadeia do alimento e em eventos do setor.

Sustentabilidade:

- Estímulo ao uso de aditivos que minimizam o impacto da produção no meio ambiente.
- Atualização dos conceitos de uso de produtos provenientes de culturas geneticamente modificadas.
- Organização de eventos encontros e palestras.
- Divulgação de tecnologias que priorizem o desenvolvimento sustentável.
- Apoio a programas de responsabilidade social e ambiental.

Segurança Alimentar:

- Estudos técnicos de controle de resíduos e contaminantes.
- Melhoria dos procedimentos e metodologias de análises de ingredientes e produtos acabados.
- Contribuição com as autoridades competentes para a detecção e denúncia de pontos críticos que possam interferir na segurança do alimento e na imagem do setor da alimentação animal.
- Ampliação do número de empresas no programa Feed&Food Safety – Gestão do Alimento Seguro.
- Contribuição à normatização do uso de proteínas animais na produção de rações e suplementos.
- Realização de estudos para eliminar pontos de estrangulamento no abastecimento de matérias-primas.

Ampliação da discussão sobre benefícios, custos e riscos da produção própria na cadeia da alimentação e no comércio exterior.

Isonomia:

- Apoio às regras para registro e fiscalização plena e efetiva em todas as plantas produtoras de alimentos para animais instaladas no Brasil.
- Contribuição à modernização da legislação vigente, incluindo atualizações na rotulagem de produtos.

Competitividade:

- Apoio às autoridades no combate à informalidade.
- Apresentação de propostas e estudos para a redução da carga tributária no setor, atualização das alíquotas de importação e desoneração do setor.
- Realização de ações para maior agilidade nos desembaraços para importação e exportação de produtos.
- Realização de ações para maior agilidade nos registros de produtos no MAPA.
- Negociação de linhas de financiamentos especiais para associados.

Informação:

- Ampliação dos programas de treinamentos técnicos, de qualidade e de gestão.
- Ampliação do Painel de Informações Estatísticas do setor.
- Elaboração do 3º Compêndio da Alimentação Animal.
- Realização de Seminário Nacional da Alimentação Animal.
- Ampliação e melhoria dos processos de comunicação com os associados, mídia, governo, meio acadêmico, consumidores e demais participantes da cadeia do alimento.

Pecuária em análise

Brasil • América do Sul • Mundo

Contexto global

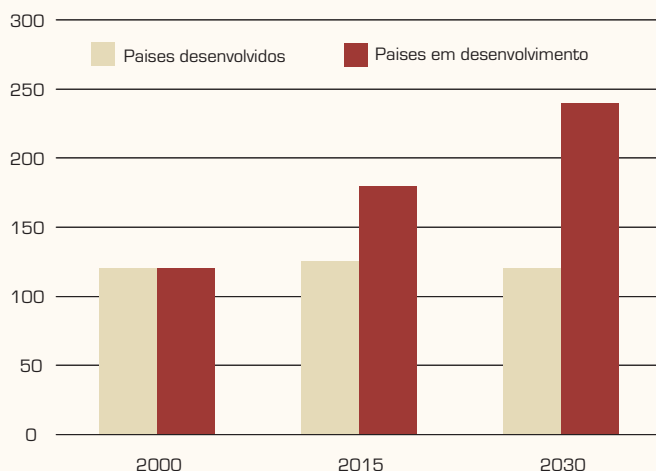
Nos últimos cinco anos é inegável a expressividade ganha pela pecuária nacional em termos globais, quando se analisa o horizonte de 2002 a 2007, em termos de:

- Produção: Índia, China, Brasil, México e Argentina, com crescimento bem acima da média geral. Em contrapartida, houve redução na Rússia, União Européia e nos Estados Unidos;
- Exportação: Brasil explica quase 50% do aumento. As contribuições da Índia, Uruguai e Argentina foram bem menores. Problemas sanitários acarretaram severa queda nos Estados Unidos e na União Européia;
- Importação: houve uma queda na média até 2006, principalmente no México, com tendência de recuperação neste ano, diante das maiores compras dos Estados Unidos, da Rússia e União Européia.

Com o segundo maior rebanho do mundo, atrás somente da Índia, o Brasil, desde 2003, ao superar os embarques da Austrália, passou a ser o maior exportador mundial de carne bovina.

Quando se faz a comparação internacional de custo e característica da produção pecuária, quatro pontos são importantes quanto à utilização da terra para engorda dos animais: pasto; pasto para feno e silagem; outros fenos e silagens e grãos para alimentação.

Mundo: consumo de carnes por região
(milhões de toneladas)



Fonte: FAO

O Brasil e a Argentina são de longe os países que mais utilizam pastagem. Os Estados Unidos em quase 85% empregam grãos. Na Itália e Inglaterra predominam os pastos para feno e silagem. França, Dinamarca e Canadá empregam bastante outros fenos e silagens. Nos demais países há um *mix* no esquema de alimentação e nutrição.

Enquanto o ganho de peso, em termos de gramas por dia, varia de 200 a 300 no Brasil e na Argentina, na Espanha e Itália passam de 1200. O intervalo de variação é de larga amplitude. Em valores de 2006, o custo de produção com depreciação, em US\$ por 100 quilos, vai de 100 no Brasil para o pico de acima de 600 na Alemanha.

Já o preço em US\$ da carcaça de 100 quilos varia de 350 a 400 na Áustria, Espanha e França, contra 160 a 180 no Brasil e na Argentina. Os subsídios concedidos à produção no primeiro mundo melhoram os seus níveis de rentabilidade (Fonte: CNA/Cepea).

No mercado internacional, nos últimos trinta anos, houve uma suave baixa de 10% nos países desenvolvidos, mas com um aumento significativo de 50% nos países menos desenvolvidos. As estimativas apontam para um aumento na demanda em 2020 de 5 milhões de toneladas nos países desenvolvidos e 20 milhões de toneladas nos demais.

Movimentos e Tendências

- A globalização incrementou o poder aquisitivo de 500 milhões de consumidores no Sudeste Asiático, China e Índia nos últimos vinte anos. Essa mesma quantidade se repetirá nos próximos anos;
- Ações mais fortes da OMC em prol da liberalização do comércio agrícola mundial, que representa apenas 8% do total, darão um novo reordenamento no mapa dos exportadores e importadores;
- Com aumento no número de países, menos recursos na UE ficam comprometidos com a agricultura: os subsídios para a produção diminuem, a oferta interna recua e as importações crescem;
- Até 2010, aproximadamente 80% dos ruminantes serão criados nos países em desenvolvimento;
- Crescimento internacional de produtos limpos diante das crises sanitárias recentes;
- Venda de serviços ambientais (Protocolo de Kyoto);
- Aumento no custo de alimentação no sistema de confinamento com a produção de biocombustíveis;
- Tratados de livre comércio com EUA e a UE.

Mundo: produção de carne bovina (mil toneladas equivalentes carcaça)

País	2002	2003	2004	2005	2006 *	2007 **	Var [06/02]
EUA	12.437	12.039	11.261	11.317	11.897	12.158	-4,26%
Brasil	7.300	7.700	8.350	8.750	8.950	9.200	22,60%
UE	8.145	8.061	8.007	7.770	7.880	7.880	-3,25%
China	5.846	6.305	6.759	7.115	7.500	7.910	28,29%
Argentina	2.700	2.800	3.130	3.200	3.100	3.150	14,81%
Índia	1.810	1.960	2.130	2.250	2.375	2.500	31,22%
México	1.930	1.950	2.099	2.125	2.175	2.200	12,69%
Austrália	2.089	2.073	2.081	2.102	2.150	2.920	2,92%
Rússia	1.740	1.670	1.590	1.525	1.480	1.380	-16,09%
Canadá	1.294	1.190	1.496	1.523	1.375	1.335	6,26%
Outros	5.960	4.347	4.424	4.697	4.649	4.704	-22,00%
Total	51.241	50.095	51.327	52.374	53.531	54.337	4,43%

Fonte: USDA * preliminar ** previsão

Mundo: exportação de carne bovina (mil toneladas equivalentes carcaça)

País	2002	2003	2004	2005	2006 *	2007 **	Var [06/02]
Brasil	1.006	1.301	1.854	2.198	2.200	2.420	118,69%
Austrália	1.366	1.254	1.394	1.413	1.420	1.495	3,95%
Índia	417	439	499	627	750	800	79,86%
N.Zelândia	486	558	606	589	540	570	11,11%
EUA	1.110	1.142	209	317	523	680	-52,86%
Uruguai	262	325	410	487	510	520	94,66%
Argentina	348	386	623	762	500	600	43,66%
Canadá	609	383	557	551	455	440	-25,59%
UE	485	388	358	255	200	200	-58,76%
Outros	310	279	279	224	153	164	-50,65%
Total	6.399	6.455	6.789	5.227	7.251	7.889	13,31%

Fonte: USDA * preliminar ** previsão

Mundo: importação de carne bovina (mil toneladas equivalentes carcaça)

País	2002	2003	2004	2005	2006 *	2007 **	Var [06/02]
EUA	1.459	1.363	1.669	1.632	1.439	1.524	-1,37%
Rússia	719	720	730	993	840	905	16,83%
Japão	712	851	647	700	693	765	-2,67%
UE	461	463	584	599	540	560	17,14%
México	489	370	287	325	365	375	-25,36%
Egito	173	123	168	214	225	240	30,06%
Coréia	430	444	218	243	193	230	-55,12%
Canadá	308	274	111	133	150	260	-51,30%
Filipinas	126	129	164	140	142	248	12,70%
Outros	365	337	313	444	420	458	15,07%
Total	5.242	5.074	4.891	5.423	5.007	5.565	-4,48%

Fonte: USDA * preliminar ** previsão

Potencial brasileiro

Com uma produção obtida de bovinos criados a pasto, o chamado boi verde, 100% natural, o Brasil depara com as seguintes oportunidades e desafios:

- Erradicação da febre aftosa;
- Abertura de novos mercados: Estados Unidos, União Europeia, Japão, Coreia e outros.
- Efetivação de acordos bilaterais e multilaterais para maior liberalização do mercado de carne bovina: Organização Mundial do Comércio, Acordo Mercosul e União Europeia e outros.

As projeções da FAO e da OCDE de 2006 para 2015 apontam que, em milhões de toneladas em equivalente carcaça, as exportações saltam de 8,4 para 10,2 e as importações de 7,5 para 9,3. São indicadores de fontes avalizadas de mercado crescente.

Por sua vez, há todo um espaço de crescimento mediante uma melhoria geral no desempenho dos índices zootécnicos. A taxa média de desfrute brasileira (animais abatidos em relação ao tamanho do rebanho) ainda está bem aquém da obtida em outros países. É claro que internamente já se encontram criações com registros de produtividade de alta competitividade mundial.

Na hipótese da taxa de desfrute passar de 21,67% para 30,00%, a produção nacional teria um incremento de 38%, suficiente para atender a um crescimento das exportações de 156%. Isso certamente asseguraria a liderança do país no *ranking* global.

Mundo: desfrute na pecuária

País	Taxa de desfrute
Estados Unidos	37%
União Europeia	34%
Austrália	32%
Canadá	29%
Argentina	26%
Brasil	22%

Fonte: USDA

Brasil: simulação de aumento na taxa de abate na pecuária de corte

Item	2006 (Estimativa preliminar)	Projeção (taxa de abate de 30%)
Rebanho bovino (milhões de cabeças)	204,70	204,70
Taxa de abate (%)	21,67	30,00
Abate (milhões de cabeças)	44,40	61,40
Produção *	8.950,00	12.400,00
Consumo *	36,60	36,60
Exportação *	6.780,00	6.780,00
Importação *	2.200,00	5.650,00
Consumo per capita **	30,00	30,00

Fonte: Fórum nacional permanente da pecuária de Corte

* mil toneladas em equivalente carcaça

** quilos em equivalente carcaça em relação a população

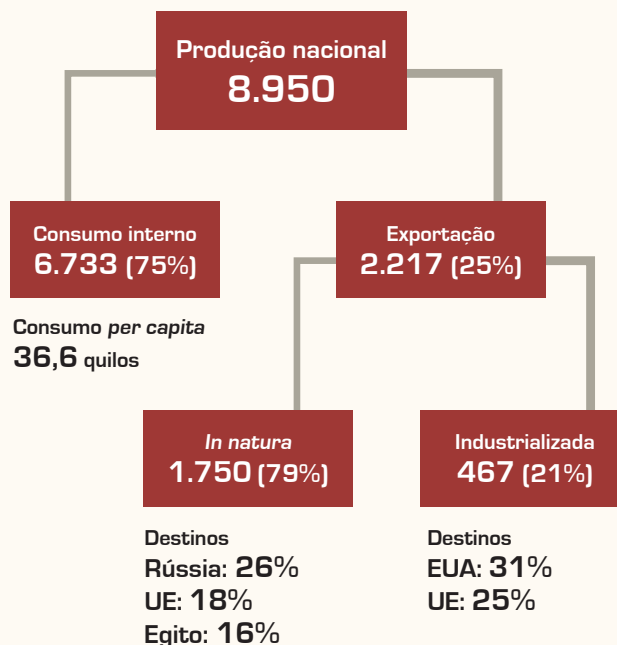
Com relação a indústria de processamento, a estrutura é fragmentada, mas a parcelas das exportações é bem concentrada. Dois frigoríficos (Friboi e Bertin) respondem por 57% das exportações das carnes industrializadas. Outras empresas crescem de forma rápida.

Brasil: exportações dos frigoríficos (mil toneladas)

Frigorífico	2003 (a)	2004 (b)	Participação em 2004%	(b)/[a] %
Friboi	156	236	17	51
Bertin	131	162	12	24
Minerva	113	147	11	30
Independência	109	120	9	10
Marfrig	65	119	9	83
Margem	30	80	6	267
Estrela D'Oeste	30	74	5	147
Farnco Fabril	35	61	4	74
Mercosul	25	51	4	104
Bom Charque	14	38	3	171
Outros	203	271	20	33
Total geral	911	1.359	100	-
Total: 5 maiores	574	784	58	-

Fonte: Abiec

Brasil: destino da carne em 2006 (mil toneladas)



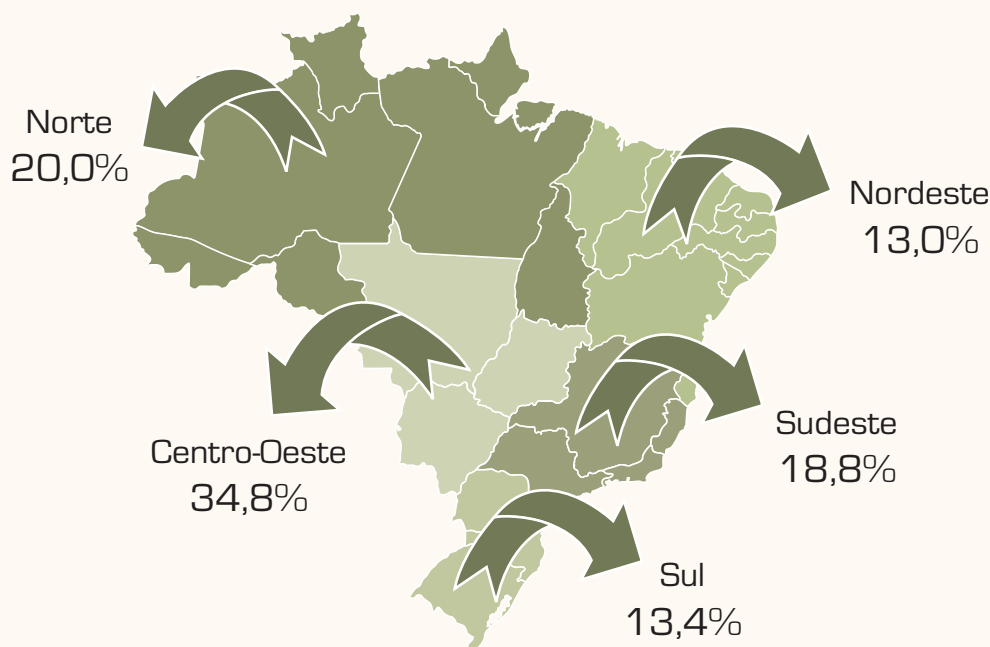
Fonte: Abiec

Mais informações: International Meat Conference.

Antenor de Amorim Nogueira, Presidente do Fórum Nacional Permanente da Pecuária de Corte.

Brasil: distribuição do rebanho bovino em 2006

204 milhões de cabeças



Fonte: IBGE

ARGENTINA

Aumento da Produção

O rebanho argentino é explorado em 193 mil estabelecimentos pecuários, dos quais 42% estão concentrados na região pampeana, onde estão 67% do rebanho bovino, estimado em 56 milhões de cabeças.

Com a expansão da sojicultura nos últimos dez anos, a pecuária argentina perdeu 8 milhões de hectares no Pampa Úmido. Apesar da atividade se deslocar para as áreas mais marginais, há registro de ganhos na taxa de desfrute, de 23% para 26%. Com isso, a produção tem aumentado.

Argentina: pecuária em 2005

Abate (cabeças)	14.251.529
Abate médio mensal (cabeças)	1.187.641
Peso da carcaça (quilos)	220
Composição	33% de novilhos e 43% de fêmeas
Produção (milhões de t com osso)	3.130

Fonte: SRA

A capacidade de abate dos frigoríficos, de 20 milhões de cabeças, é suficiente para uma produção potencial de 4,4 milhões de toneladas. A capacidade ociosa de 2005 foi estimada em 30%.

Argentina: indústria frigorífica bovina

Abate mensal (cabeças)	número de frigoríficos					
	2000	2001	2002	2003	2004	2005
> 15.001	13	13	8	8	12	16
5001 a 15000	54	48	56	53	66	61
1001 a 5000	184	144	117	116	121	114
< 1000	148	175	230	239	289	297
Total	399	380	411	416	488	488

Fonte: Secretaria de Agricultura, Pecuária, Pesca e Alimentos da Argentina

O consumo interno é crescente, em torno de 80% do total produzido, apesar dos transtornos causados pelos aumentos de preços. As exportações correspondem a 20% do total produzido, com intervenções e limitações impostas pelo governo para não prejudicar o abastecimento e provocar inflação no país.

Recentemente, há um conflito emergente no escoamento da carne, se para o desenvolvimento do mercado interno ou externo, diante das:

- Exportações impulsionadas pela forte demanda da Rússia, do Chile e da UE e da reabertura, no médio prazo, dos mercados norte americanos;
- Ações de proibição e impostos sobre exportação perpetradas pelo governo;
- Concorrências com a agricultura em terras cultiváveis.

Criadores, indústrias e governo realizam plano para aumentar a produção em 12 milhões de toneladas nos próximos dez anos, com investimentos privados:

- Taxas de desmame maiores;
- Melhorar a produtividade por hectare;
- Maiores pesos de abate;
- Taxa de desfrute acima de 30%.

As perspectivas são de que a Argentina, no curto prazo, em termos gerais, mantenha sua participação no mercado mundial, de modo a se posicionar no nicho de alta qualidade, não de volume, até que internamente a produção seja aumentada e o consumo moderado.

Mais informações: International Meat Conference.
Pecuária Argentina em Cifras - Marcelo Fielder.

URUGUAI

Alianças estratégicas

Os agronegócios contribuíram para superar a recessão no país, de 1999 a 2003, sendo responsável por 75% das exportações, das quais um terço é representado pela carne vermelha.

O aumento da produtividade é a resposta lógica à forte concorrência pelo uso do solo causada pela expansão do reflorestamento e da agricultura não-irrigada. Os investimentos em terra como ativo reserva de valor pressiona o preço do hectare de pastagem.

O rebanho pecuário do Uruguai, depois de oscilar entre 9 a 10 milhões de cabeças entre 1996 e 2002, mudou para o patamar de 11 a 12 milhões. Em 2005, a quantidade foi de 11,7 milhões. Nos últimos cinco anos, as melhorias foram significativas:

- O abate cresceu de 1,60 para 2,60 milhões de cabeças;
- A taxa de desfrute subiu de 16% para 22%;
- O peso médio de abate do novilho é de 480 quilos, com idade média de abate aos 3 anos e rendimento de carcaça de 54%.
- Cerca de 2,8 milhões de hectare de pasto foram recuperados.

Os desafios estão em continuar o aumento da eficiência, competitividade e do dinamismo das empresas agropecuárias. O entorno macroeconômico tende a continuar restritivo (política fiscal, cambial e de crédito). Ao mesmo tempo, é fundamental desenvolver alianças estratégicas para agregação de valor aos produtos.

Reconhecido pela Organização Internacional de Epizotia como país livre de BSE (doença da vaca louca) e de febre aftosa com vacinação, o Uruguai lidera a coordenação regional para erradicar a doença na América do Sul.

Características Positivas

1. Ecologia

- Solos de fertilidade média e alta, em geral não muito profundos, com bastante heterogeneidade, com necessidade de manejo cuidadoso e diferenciação dos lotes;
- Regime pluviométrico médio abundante (1200 milímetros por ano), porém com uma distribuição não-homogênea ao longo do ano, com limitação para a prática agrícola;
- Boa rede hidrográfica com potencial para a irrigação artificial não totalmente explorado;
- Déficit na produção de pastos no inverno, parcialmente superado com a introdução de espécies e com reservas forrageiras para consumo diferenciado;

2. Produto natural

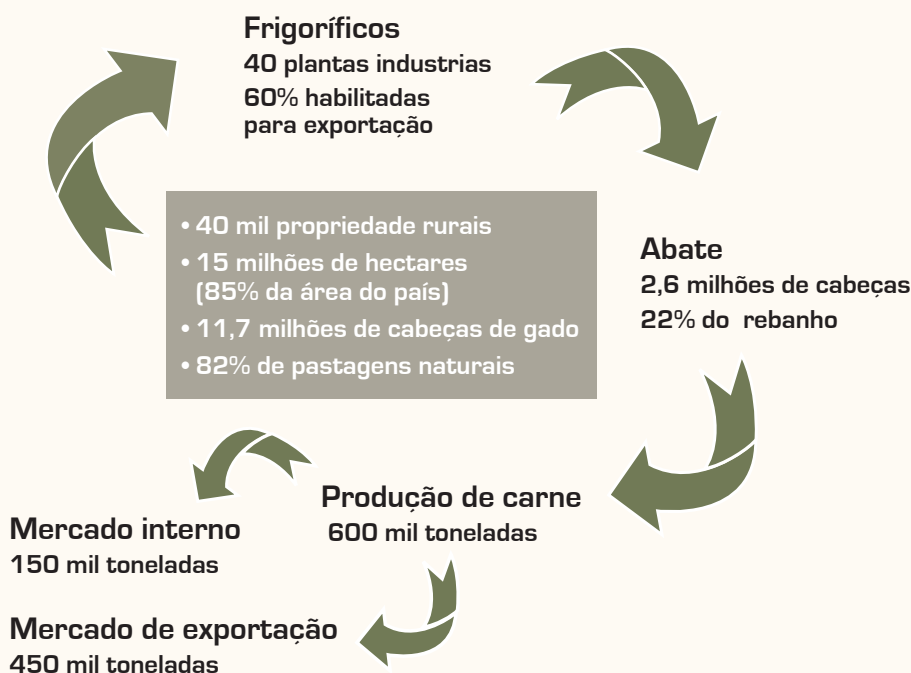
- Animais criados a céu aberto, com boa disponibilidade de pastos, aguadas e abrigo. Cuidado com o bem-estar animal em todas as etapas da vida produtiva até o abate;
- Proibido o uso de hormônios e promotores de crescimento (proibidos por lei) e de antibióticos, os quais podem ser usados somente em condições excepcionais e devidamente registrados;
- Integração de bovinos e ovinos em sistema mistos, que respeitem os ciclos naturais de crescimento e beneficiem as pastagens naturais e o meio ambiente;
- Condição sanitária elevada obtida com rígidos controles técnicos (vacinação contra febre aftosa, proibição do uso de ração de origem animal para controle do BSE e nenhum caso de *E. coli*)

3. Rastreabilidade

- Implantação da rastreabilidade individual obrigatória em 2006 para os animais nascidos nesse ano. Os produtores estão conscientes sobre a importância do sistema e a campanha tem sido um sucesso.
- Por ser um país pequeno (600 km de Norte a Oeste e 400 km de Leste a Oeste), e homogêneo culturalmente, fica mais fácil o controle nas campanhas de vacinação, na implementação da rastreabilidade e em qualquer outra inovação tecnológica;

As raças Hereford e Aberdeen Angus e seus cruzamentos representam mais de 90% do rebanho de gado de corte, com padrão genético diferenciado no Mercosul.

Uruguai: cadeia produtiva de bovinos (2006)



Fonte: Ministério de Pecuária, Agricultura e Pesca do Uruguai

COLÔMBIA

Cenário para 2019

A pecuária será uma atividade econômica mais moderna, produtiva, rentável, solidária e respeitadora do meio ambiente, para benefício do criador e do desenvolvimento econômico, social e ambiental do campo colombiano.

Para isso, elevará seu nível de competitividade ao padrão internacional, com o fim de se consolidar no mercado nacional e acessar com força os principais mercados internacionais de carne e leite, por meio da modernização dos processos produtivos e o fortalecimento da organização associativa de seus produtores.

Colômbia: números da pecuária

Item	2004	2019	
		Otimista	Moderado
Rebanho (milhões de cabeças)	23	48	31
Pasto (milhões de ha)	38	28	33
Apascentamento (cabeças/ha)	0,6	1,7	0,9
Taxa de desfrute (abate em relação ao rebanho)	16%	20%	18%
Produção (mil toneladas)	759	1.440	1.056
Habitantes (milhões de pessoas)	42	48	48
Consumo <i>per capita</i> (kg/ano)	18,0	30,0	22,0

Fonte: Ministério de Agricultura e Desenvolvimento Rural da Colômbia

No cenário otimista, a meta é exportar 50 mil toneladas de carnes de alta qualidade (gado angus, simental, limousin e romosinuano) e 400 mil toneladas para mercados não-especializados (gado zebuino).

Os países com vocação exportadora na pecuária possuem:

- Um rebanho mais numeroso que a população;
- Idade de abate baixa e altas taxas de natalidade.

Pontos Fortes

- Alimentação natural durante todo o ano em condições climáticas adequadas;
- Áreas aptas para aumentar a quantidade de animais, sem afetar o meio ambiente e o bem-estar animal;
- Mão-de-obra qualificada;
- Modelo de produção livre de hormônios e substâncias anabolizantes;
- Avanços na área genética com suprimento de materiais dos líderes mundiais;
- Mercado interno potencial para a expansão do setor;
- Mudanças profundas na política sanitária: 76% do rebanho são reconhecidos como livres de vacinação em 72% do território nacional

Pelo tamanho de seu mercado interno, a Colômbia requer uma oferta para atender aos nichos de consumo de alta capacidade aquisitiva com produtos com alto valor agregado:

- Produtos orgânicos, naturais e ecológicos;
- Cortes diferenciados, de fácil preparação e consumo.

O modelo exportador está fundamentado em duas estratégias de mercado:

- Manutenção: Venezuela, Peru e Aruba;
- Diversificação: Israel, Caribe, Rússia, Suíça, EUA, UE, México, Japão e Coreia.

Mais informações: International Meat Conference.
El Futuro de la Ganaderia en Colombia.

Mais informações: International Meat Conference.

Os Sistemas Pecúários no Uruguai e suas Perspectivas – Guzmán Tellechea.
Associação Rural do Uruguai.

O Posicionamento do Uruguai no Comércio Mundial de Carnes – Luiz A Fratti

- Crescente e conveniente diversificação de proteínas de origem animal;
- A preferência pela carne não é influenciada pelas crises sanitárias;
- A demanda de carne bovina responde a padrões culturais, hábitos e costumes arraigados;
- A falta de inovação não foi fator importante na demanda por outras carnes;

Do ponto de vista mais geral, seria mais saudável uma alimentação diversificada de proteínas cárneas. Campanhas de *marketing* poderiam ajudar. Na questão da oferta, as cadeias de frango e suína têm menores tempos de resposta para atender certas “urgências”. É o caso de uma crise de oferta de carne bovina.

Mais informações: International Meat Conference.

O Desafio da Carne Bovina: Crescimento Constante ou Canibalização pelas outras Carnes? Arturo Llavallol, IPCVA

ARGENTINA

Crescimento ou canibalização

Apesar do crescimento no consumo mundial de carnes, a participação relativa dos produtos bovinos caem, enquanto a de aves cresce em maior ritmo, seguida de menor intensidade pela de suínos. Nas demais carnes, o quadro é de estabilidade.

A grande explicação para esse movimento está na comparação dos preços: nos EUA, os preços dos frangos e depois dos suínos são bem menores em relação aos dos bovinos. Há também uma mudança na natureza das inovações nas mudanças dos hábitos de consumo da população.

Mundo: participação no consumo de carnes (%)

Carne	1975	1995	2000	2005
Ave	16	26	29	29
Bovina	39	27	25	24
Suína	36	40	40	43
Ovina	6	5	4	3
Outras	3	2	2	1

Fonte: USDA

A Argentina, onde a diferença de preço entre as carnes é bem menor, o mercado da carne bovina é motivo de permanente intervenção do governo no setor. Sem motivos para tal, as preocupações do consumidor argentino com a qualidade sanitária e nutricional dos produtos cárneos praticamente não existem.

O consumo de carne está ligado ao atributo percebido pelo consumidor: cor, cheiro, macia/suave, sabor, digestão, magra/gorda. No caso específico da Argentina, cabem as seguintes reflexões:

EUROPA

Mercado atraente

Os exportadores mundiais de carne bovina olham com carinho para a UE por três fatores básicos:

- Recuperação da demanda, após a queda no começo da década, com a ocorrência do BSE (vaca louca);
- Declínio da produção:
 - a) Reforma da Política Agrícola Comum;
 - b) Custos elevados: escala, padrões etc.;
 - c) Demanda por terras cultiváveis.
- Crescentes Importações
 - a) Pressão de demanda;
 - b) Negociações na OMC.

A maior segmentação dos mercados de carne no varejo da UE reduz o tamanho da *commodity*. Os preços são estabelecidos em função da qualidade do produto, com estabelecimento de desconto e prêmio. Espaços se abrem para as mercadorias da América do Sul com qualidade consistente.

Essa mudança estrutural produz um novo modelo nas cadeias de suprimento da UE, de modo a tornar o varejo mais acessível às importações. A dependência dos exportadores do setor de cozinha industrial (*catering*) tende a ficar menor.

Os produtores europeus tendem a ser defensivos nas questões associadas a:

- Status de doenças;
- Rastreabilidade e transparência;
- Qualidade e consistência da qualidade;
- Responsabilidade e confiabilidade;
- Degradação do solo;

- Bem-estar animal, OGMs e antibióticos.

Os preços das carnes seguem firmes no mercado, mas varia de maneira significativa de acordo com a origem do produto. São variações de 20% a 30%. Para a UE, é um grande desafio e, para a América do Sul, uma grande oportunidade.

Desafios europeus

- **Desvantagens de custos:**
 - Fragmentação das propriedades rurais e da indústria (excesso de capacidade);
 - Elevados padrões regulatórios;
 - Suporte pecuniário para o ambiente, a cultura e a estrutura;
 - Fabricação de laticínios;
 - Produção especializada de carne bovina;
 - Diferenciar produtos europeus (locais) de carne;
 - Defesa contra as importações;
 - Defesa política e comercial;
 - Aumento estrutural nos preços dos cereais e oleaginosas;
 - Queda de produção;
 - Baixa nos estoques;
 - Aumento na demanda de biocombustíveis (colza para biodiesel e trigo para etanol);
 - Aumento nos custos de produção;
 - Crescimento dos preços.
- Riscos sanitários:
 - ALH5N1;
 - BSE: queda de registros;
 - VCJD (Creutzfeldt-Jakob disease), baixa incidência;
 - Febre aftosa: perigo da América do Sul.

Mais informações: International Meat Conference.
Perspectivas Europeias. Richard Brown. Gira



Saúde animal e comércio internacional

A revolução alimentar passa:

- Pelo aumento da demanda por proteína de origem animal: de um a dois bilhões de pessoas saíram da linha de pobreza e houve uma ocidentalização de costumes na Ásia e América Latina.

Os fatores de risco de doenças em animais e zoonoses decorrem de:

- Aumento das distâncias e da rapidez das viagens;
- Movimento de pessoas: viagens (1,4 bilhão de passagens aéreas por ano); guerra e fome; desordens sociais e políticas, desigualdade econômica e social.
- Concentração da população com a urbanização e animais em sistemas confinados
- Comércio de alimentos, animais e plantas;

O mundo virou uma aldeia global. Há uma mistura de pessoas, animais e agentes infectantes sem precedentes na história. Os problemas vão além dos territórios nacionais, afetam milhares de pessoas e são geradores de instabilidade. As notícias circulam muitas vezes sem estar baseadas em fatos científicos.

O controle de doenças infecciosas na aldeia global requer coordenação para diagnósticos e respostas rápidas. O Acordo de Medidas Sanitárias e Fitossanitárias na OMC visam a:

- Acabar com a discriminação sem esclarecimentos em torno das doenças;
- Segregar a população como a principal alternativa de evitar a disseminação da doença;
- Reconhecimento da falácia da Teoria do Risco Zero;
- Estabelecer padrões, guias e recomendações internacionais.

As entidades responsáveis são:

- Office International des Epizooties (OIE), com 168 países membros;
- *Codex Alimentarius*;
- International Plant Protection Convention.

Papel da OIE com relação ao bem-estar e saúde animal, bem como com questões da qualidade dos alimentos:

- Aplicar medidas de controle de maneira coerente para todos os países;
- Resolver controvérsias entre setores públicos e privados;
- Garantir segurança ao comércio internacional;
- Harmonizar a legislação os métodos de controle de doenças.

O desafio é de natureza:

1. Política e cultural
 - O controle de doença animal é uma função pública;
 - Um trabalho efetivo exige cooperação internacional;
 - Situações de pobreza e de saúde animal estão associadas e precisam de solidariedade internacional;
 - Uso de doença como barreira não-tarifária;
 - Os gastos realizados representam investimento, e não custo corrente;

- Necessidade de serviço veterinário nacional para aplicação dos padrões internacionais;
 - Produtores assumirem a função;
 - Aplicação da ciência;
 - Investimento nas ferramentas de prevenção e controle.
2. Organização
- Fortalecimento dos serviços veterinários e laboratoriais;
 - Integração dos controles de saúde, bem-estar animal e segurança alimentar;
 - Integração do setor privado no controle da atividade;
 - Integração de serviços veterinários e de saúde pública;
 - Integração na OIE;
 - Adaptação do *curriculum* veterinário para operar em todo o mundo;
 - Treinamento para uso das ferramentas existentes.
3. Técnica
- Risco de análise;
 - Zoneamento e compartimentos;
 - Monitoramento e vigilância;
 - Vacinação e técnica Diva (Diferenciação das infecções de animais vacinados)
 - Bem-estar animal
 - Segurança alimentar.

Mais informações: International Meat Conference.
Animal Health Importance in International Trade - Vincenzo Caporate.

Febre aftosa

Estudo elaborado pela Universidade da Califórnia, em Davis, para avaliar o custo da ocorrência de febre aftosa no Vale Central do estado, apontou um valor de US\$ 1 milhão a US\$ 3 milhões para cada hora em que a doença não fosse diagnosticada. Outros fatores de risco poderiam entrar no estudo, de modo a aumentar ainda mais esses custos projetados.

Com a ocorrência da febre aftosa no Reino Unido e na América Central, ficou evidente a necessidade de tomar uma atitude para ajudar na sua erradicação. A Organização Pan-Americana da Saúde e o Departamento de Agricultura dos EUA co-patrocinaram uma conferência liderada pelo Dr Juim Butler. Foram convidados para o evento ministros da Agricultura, autoridades de sanidade animal e do setor privado.

Realizado em março de 2004, da Hemispheric Conference for the Eradication of Foot and Mouth Disease (Conferência do Hemisfério para a Erradicação da Febre Aftosa) saiu a Declaração de Houston. A proposta constituiu-se na montagem de um plano de ação a ser executado de 2006 a 2020, por meio da formação do Grupo Interamericano Para a Erradicação da Febre Aftosa (Giefa), composto de 12 membros: seis das regiões

Cohefa, quatro do Paraguai, Equador, da Bolívia e Venezuela e dois dos setores público e privado.

Plano do Giefa

- Projeto de US\$ 48.323.000 ou US\$ 9.665.000 por ano;
- O recurso complementa o projeto de erradicação de febre aftosa em cada país;
- A verba vem de doadores, patrocinadores e empréstimos;
- Doadores e patrocinadores podem escolher os parceiros para administrar os fundos;
- Possíveis verbas de áreas livres de febre aftosas.

As funções do Giefa são:

- Aprovar os doadores;
- Analisar os planos regionais;
- Verificar o cronograma das atividades e do uso dos investimentos;
- Acompanhar as atividades e os investimentos.

Febre aftosa na América do Sul

Ano	Focos
1976	16.087
1980	11.460
1985	4.917
1995	1.846
2001	4.367
2004	96
2005	86
2006	21

Fonte: USDA/GIEFA

Na América do Sul:

- Os focos sofreram drástica redução;
- O problema persiste em áreas críticas muito limitadas;
- Os países do Mercosul estão fortemente motivados a co-operar, por conta das imensas perdas resultantes dos últimos focos.

Casos de febre aftosa na América do Sul

País	2002	2003	2004	2005	2006
Venezuela	9	52	34	13	11
Guiana	Livre	Livre	Livre	Livre	Livre
Colômbia	8	0	2	1	0
Equador	108	6	42	23	7
Brasil	0	0	0	39	1
Peru	0	0	0	26	0
Bolívia	88	9	19	0	0
Paraguai	0	1	1	0	0
Uruguai	0	0	0	0	0
Argentina	1	1	0	0	2
Chile	Livre	Livre	Livre	Livre	Livre

Fonte: USDA/GIEFA

Em 2005, foram investidos nos programas de combate à febre aftosa na América do Sul: US\$ 300 milhões pelo setor público e US\$ 300 milhões pelo setor privado. O novo orçamento do plano quinquenal é de US\$ 41.078.000.

Dentre as últimas realizações estão:

- Doação do governo brasileiro de 2 milhões de doses de vacina para o Giefa e a Bolívia e de US\$ 1,8 milhões para a Panaftosa;
- O Fundo para Convergência Estrutural do Mercosul (Focem) liberou US\$ 16,3 milhões para erradicar a febre aftosa durante a reunião de Cúpula do Rio em janeiro deste ano;
- Liberação de fundos USA PL 480 para o programa de erradicação da febre aftosa.

Atividades do GIEFA em 2006

- Participação em 29 eventos;
- Missão americana do agronegócio no Brasil, Paraguai, Equador e na Bolívia;
- Reunião em São Paulo com o setor privado do Mercosul;
- Duas reuniões com o Comitê Veterinário Permanente do Mercosul;
- Seminário do Banco Interamericano de Desenvolvimento em Uberaba;
- Reuniões regionais: Tartagal (Argentina); Santarém e Londrina (Brasil); Pedro Juan Caballero (Paraguai) e Quito (Equador);
- Reunião em Washington com USDA, FAO, IICA e PAHO;
- Visita à iniciativa privada nos EUA;
- Discussões com exportadores de carne do Brasil, Paraguai e da Argentina.

Próximas ações e conclusões:

- Recursos internacionais apenas para auxiliar regiões e países: Bolívia, Paraguai e Equador;
- Convite para a Venezuela integrar o plano;
- Liberdade de escolha de parceiros para doação ou patrocínio;
- Administração dos recursos pelos governos ou instituições internacionais;
- Acordos prévios para pagamento dos serviços das instituições;
- Pagamento de bônus ou recompensa para os trabalhos de campo, se a área ficar livre de foco;
- A unidade executiva deve realizar o plano do Giefa;
- Recursos alocados e administrados por meio dos cumprimento de contratos.

Bem-estar animal

“A grandeza de uma nação e seu progresso moral podem ser julgados pela forma como seus animais são tratados”

M.K.Ghandi na *Enciclopédia Britânica*, verbete Advocacia para os animais

Durante muito tempo, na pré-história, os homens usaram os animais para práticas agrícolas, sacrifícios e cultos às divindades. A partir de sua domesticação, quando passaram a ser observados e percebidos em seu comportamento, os animais passaram a ser vistos de outra maneira.

De acordo com Elisabeth de Fontenay (1999) “a classificação tradicional humanística, ao separar o homem de outras criaturas, concede-lhe o direito sobre elas. O desafio é construir uma nova taxonomia, com a proposta da continuidade de todas as criaturas livres e quebrar o narcisismo do antropocentrismo”.

A presente questão é:

- O que é um animal?
- O que podemos ou poderíamos fazer com um animal?
- Quais são os limites de uma nova moral quanto ao uso do animal?

Se tivessem inteligência como a entendemos, os animais teriam capacidade de resolver problemas, sentir emoções e de aceitar e recusar atribuições. A fronteira entre homem e animal desapareceria.

O tratado no Protocolo de Proteção e Bem-Estar Animal da UE reconhece oficialmente a capacidade de consciência básica dos animais, quanto a ações dos outros, avaliação de risco, alguns sentimentos e graus de conhecimento.

Nos EUA, diante das pressões sobre as indústrias, Burger King, McDonald's e Wolfgang Puck pretendem comprar ovos e carnes obtidos a partir de processos de produção padronizados e humanitários. Países exportadores questionam se não são medidas protecionistas. O tema fica internacional.

Os argumentos obedecem à sequência histórica do anti-racismo (abolição da escravidão), anti-seco (libertação feminina) e anti-espécie (liberação animal) e destacam o balanço energético do mundo e o impacto das criações na mudança climática. O estudo *Livestock's Long Shadow*, produzido pela FAO em 2006, aponta a indústria da carne vermelha como a responsável por 18% da emissão dos gases de efeito estufa.

Na OMC, a OIE reconhece que “o tema do bem-estar animal é assunto complexo, multifacetado por questões políticas do ponto de vista científico, ético, econômico e político”.

De qualquer forma, nas discussões sobre a produção da agricultura e alimentos, junto com a parte econômica, ambiental e social, os critérios de bem-estar integram a agenda.

Mais informações: International Meat Conference.

Visão Geral do Giefa.

Animal Welfare & The Industry Challenges Ahead – Nils Beumond Iterbed (IMS AW Committee)

Mais informações: International Meat Conference.

Visão Geral do Giefa – Philip E. Bradshaw (presidente Interino do Giefa).

CONCEITO

Bem-estar animal

Como parte dos debates em torno da agricultura e do alimento surgem as questões ligadas ao bem-estar animal, à qualidade do alimento e à proteção ambiental. As ONGs pressionam os governos, e os possíveis impactos negativos recairão sobre a produção devido às seguintes causas:

- Novo potencial para aplicar barreiras não-tarifárias;
- Bem-estar animal e melhor ambiente não são discutidos na OMC;
- Mais exigências dos consumidores.

O Guia da OIE, adotado em 2005, sobre o Código de Bem-Estar Animal trata:

- Do abate de animais;
- Descarte de animais por doenças e seu controle;
- Transporte de animais por terra, mar e ar.

Os princípios básicos do Guia dispõem sobre:

- Qualificação e treinamento personalizado;
- Procedimentos operacionais estabelecidos e escritos

- Melhoria no bem-estar animal pode resultar em mais produtividade e qualidade;
- Resultados para comprar padrões de bem estar animal.

O *Five Freedom* diz respeito a:

1. Fome e sede;
2. Desconforto;
3. Machucados, injúrias e doenças;
4. Comportamento normal;
5. Medo e *stress*.

No Brasil, há mais de 50 anos o Relatório de Inspeção Industrial e Sanitária de Produtos de Origem Animal (Riispoa), estabeleceu critérios para as condições de transporte e abate de animais. Na UE, a legislação tem mais de 30 anos, com padrões mínimos e, agora, com possibilidades de mais exigências sobre:

1. As instalações rurais, o transporte e o abate de animais;
2. Práticas agrícolas com animais e produtos consumidos;
3. Alto padrão de bem-estar e proteção, sem a mesma exigência nos importados.

O papel das ONGs depende do objetivo: animais de companhia (cães e gatos); animais de laboratório, sistema de produção, transporte e abate. No âmbito mundial existem documentos importantes como as *Messages of the Universal Declaration*

Demanda de carnes industriais



Animal Welfare (UDAW), da World Society for the Protection of Animals. Na UE, entre as recentes iniciativas, um comunicado do Parlamento aponta para a montagem de um plano de ação em torno da questão do bem-estar animal

Mais informações: International Meat Conference. *Visão Geral do Giefa. The International Concept of Animal Welfare: an Update.* Marcio Capároz (Abiec).

A carne na nutrição humana

A carne é uma fonte de:

- Nutrientes essenciais: complexo Ferro, B12, zinco, proteínas de valor biológico.
- Gordura saturada
- Colesterol

A deficiência de Ferro é a carência nutricional mais prevalente e responde pela metade de todos os tipos de anemia. Pode existir sem sinais de anemia. Boa parte da humanidade está sob o risco de carência de ferro, principalmente as mulheres e crianças de países pobres ou em desenvolvimento.

Deficiência de ferro causa:

- Nas crianças: dificuldades para o aprendizado e reduz a resistência imunológica;
- Em adultos: causa fadiga e contribui para a incapacidade no trabalho, prematuridade, baixo peso ao nascer e morte fetal ou materna.

Custos sociais associados à deficiência de ferro:

- Na infância, compromete os ganhos futuros em 5%;
- Entre trabalhadores, reduz a produtividade em 1% a 5 %;
- Nos EUA, a perda média foi estimada em US\$ 4 bilhões ou 0,9% do PIB;
- No Sul asiático as perdas de produtividade chegam a US\$ 5 bilhões.

Na composição das dietas mistas, a carne cumpre papel de:

- Fatores agonistas e antagonistas de absorção;
- Fornecimento de proteína;
- Favorecimento de aspectos sensoriais.

O consumo de carne bovina é relevante para o combate a carências nutricionais específicas, principalmente Fe, Zn, vitaminas A e B 12.

A associação positiva entre consumo de carne bovina magra e dislipidemias não é comprovada por estudos de intervenção ou epidemiológicos, eliminados os fatores de confusão.

O uso de carne bovina magra é um recurso terapêutico e profilático interessante para o manejo e a prevenção das complicações da síndrome metabólica.

Mais informações: International Meat Conference. *Importância da (C)carne para a (N)nutrição (H)humana* - Semiramis Martins Álvares Domene

O gado zebu

Do rebanho nacional, os genes zebuínos correspondem a 80%, com uma distribuição regional de: 34,8% no Centro-Oeste; 22,4% no Sudeste; a 15,9% no Sul, 13,6% no Norte e 13,3% no Nordeste.

Cronologia da entrada dos zebuínos

- Conceitos sobre as raças zebuínas;
- Primeiras importações: de 1870 a 1875
- Última importação: 1962
- Total de animais importados: 6.300
- Delegação do MAPA e primeiros registros genealógicos: 1938
- Início das provas zootécnicas: 1968

Os pontos positivos dos fatores produtivos do Brasil na cadeia produtiva da pecuária estão na:

- **Mão de obra:** estimulada, abundante e cada vez mais treinada;
- **Estrutura fundiária:** 2,4 milhões de proprietários rurais, com criações em 2,7 milhões de propriedades (IBGE – Censo Agropecuário 1995/96);
- **Rebanho:** o maior do mundo em termos comerciais, composto em sua grande maioria por raça zebuína adaptada e cada vez mais aperfeiçoada;
- **Sistema de produção:** predominância de pasto, baseado em raças zebuínas, com animal de imenso valor agregado em relação aos aspectos de menor contaminação por produtos. Por sua vez, as raças zebuínas apresentam eficiência superior de acabamento de carcaça em sistemas a pasto que as raças européias, considerando-se a mesma idade e peso (Barbosa,1999);

Brasil: número de registros genealógicos de zebuínos (1939 a 2007)

Raças	RGN*	RGD**
Sindi Mocha	73	0,001%
Cangaian	74	0,001%
Sindi	11.035	0,14%
Gir Mocha	37.593	0,47%
Brahman	40.777	0,51%
Indubrasil	212.257	2,67%
Tabapuã	241.729	3,04%
Guzerá	302.242	3,80%
Gir	557.551	7,00%
Nelore Mocha	598.709	7,52%
Nelore	5.957.959	74,85%
Total	7.658.059	100%

* Registro genealógico de nascimento

** Registro genealógico definido

Fonte: SUT/SAG - ABCZ/2007

- **Imagem higiênico-sanitária do produto:** o reconhecimento de zonas livres de febre aftosa no âmbito internacional, associada aos aspectos de atividade pastoril e rastreabilidade, podem se constituir em um grande avanço para a pecuária.
- **Infraestrutura tecnológica:** em fase satisfatória de crescimento. Programas de melhoramento genético, pesquisas em vários setores e o envolvimento de universidade e instituições de pesquisas têm sido a tônica registrada nas últimas décadas.

Valores do zebu na cadeia produtiva da pecuária de corte

- ➔ Economia
- ➔ Nutricional
- ➔ Animal, genético e técnico
- ➔ Humano e ambiental
- ➔ Emocional
- ➔ Segurança de origem certificada
- ➔ Natural, higiene e saudável
- ➔ Sistemas de produção sustentáveis

Mais informações: International Meat Conference.

O Gado Zebu e a Importância do Crescimento da Produção de Carne – Luiz Antonio Josankian (Associação Brasileira dos Criadores de Zebu).

O varejo e o consumidor

Com o aumento da renda *per capita* e o desenvolvimento dos países emergentes é esperado um aumento no consumo de proteínas. A carne suína é a mais produzida no mundo mas, proporcionalmente, a menos comercializada.

Brasil: crescimento da produção de carnes entre 1990 e 2006 (%)

Carne	Consumo interno	Exportação
Bovina	2,1	16,2
Suína	4,9	29,4
Aves	8,0	15,1

Fonte: USDA

As limitações às exportações de carne pelo Brasil decorrem:

- Das exportações serem concentradas: o mercado internacional não pode ser visto como a “salvação da lavoura”;
- Da falta de acesso aos mercados mais exigentes como Japão e EUA, o que reduz a possibilidade de expansão das exportações;

- De, apesar de ser altamente competitivo na produção, com exemplos de zelo qualitativo, a questão da segurança precisa de aprimoramento;
- Da padronização, uniformidade, qualidade em constante melhoria, rastreabilidade, produtos seguros e livres de contaminação e resíduos de drogas serem requisitos básicos nos mercados externos;
- De desenvolver uma revolução qualitativa para ter acesso a mercados mais exigentes, como o japonês;
- De o futuro estar no Japão, Rússia e em outros países asiáticos.

Pesquisa desenvolvida pela Elanco sobre o varejo e a compra de carnes traz informações importantes a respeito de:

- Canais de distribuição da indústria de alimentação;
- Faturamento e concentração no setor supermercadista;
- Participação das carnes nas vendas dos supermercados;
- Atributos que definem a qualidade da carne: cor, procedência, frescor, tipo de gordura, maciez, consistência, temperatura do caminhão que faz o transporte, data de validade, aparência, brilho, sabor, odor etc.

As grandes redes de varejo utilizam certificadoras próprias ou externas para avaliar a adequação dos fornecedores às normas legais e às melhores práticas de manufatura. O processo de certificação foca a legislação interna. Em casos pontuais, como selos de origem (produtos sociais, orgânicos, ecológicos e projetos sociais), mais itens são controlados.

As qualificações gerais de um fornecedor de carnes são:

- Possuir método produtivo moderno e eficaz;
- Certificação e segurança dos alimentos é essencial;
- Adequação às regras determinadas pelo varejista na produção e processamento;
- Produto de qualidade de acordo com os critérios avaliados pelo comprador;
- Ter preço competitivo;
- Entrega e logística desenvolvidas no prazo e com qualidade estipulados;
- Escala de acordo com as necessidades do cliente (frigoríficos);
- Respeito a contratos.

Outra pesquisa da Elanco sobre o consumidor e a compra de carnes mostra que:

- O consumidor percebe a qualidade de carne por fatores sensoriais;
- Considerada a mais saborosa, a carne suína é a menos consumida;
- Combinação de preço baixo e produto saudável aumentam o consumo de frango;
- A carne bovina é a grande preferida pelo consumidor.

As tendências de mercado em termos de hábito de consumo e novas tecnologias, sempre com maior exigência em relação ao produto, são uma oportunidade para agregação de valor e diferenciação:



- A adaptação a nichos de mercado pode trazer novas oportunidades para os pequenos e médios frigoríficos;
- A diferenciação, criação e fortalecimento de marcas são estratégias que contribuem fortemente para a conquista de novos mercados e nichos;
- No varejo e na indústria, a palavra final é dada pelo consumidor, são para ele todas as exigências e esforços feitos pelas empresas;
- A construção de uma marca no mercado é lenta mas, para danificá-la, não demora muito;
- Toda cadeia produtiva deve estar afinada em seus princípios e objetivos.

Mais informações: International Meat Conference. *Demandas do Consumidor e Como o Varejo Vê o Mercado*. Milton Dallari. Decisão Consultoria.

Infra-estrutura para exportação

A partir da década de noventa e até os dias atuais, o Brasil passou a ser:

- O maior exportador mundial de carne (1,95 milhão de toneladas em 2006 ou aproximadamente 30% do mercado mundial);
- Segundo maior produtor de carne bovina do mundo, com mais de 16% do total;
- Conseguiu vantagens competitivas quando comparado aos demais países produtores.

Cronologia

- **Década de 10:** serviço de inspeção de fábricas de produtos animais: Decreto nº 11.462, de 11 de janeiro de 1915. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio;
- **Década de 20:** primeiros passos do Serviço de Inspeção e Fiscalização (SIF); o estrangeiros exigem que os produtos de origem animal sejam inspecionados do ponto de vista sanitário;
- **Década de 30:** exportações de 97 mil toneladas de equivalente carcaça; PIB = R\$ 61,5 milhões; população = 37,85 milhões de pessoas. Média anual. Fonte: Ipea;
- **Década de 50:** regulamento de Inspeção Industrial e Sanitária de Produtos de Origem Animal (Riispoa). Lei nº 1.283, de 18 de dezembro de 1950;
- **Década de 60:** parque industrial de carne sob inspeção federal = 107 matadouros frigoríficos. Começa a suplementação mineral;
- **Década de 70:** federalização do SIF. Inspeção, padronização de técnicas, instalações e equipamentos. Suplementação na seca. Introdução das *brachiarias*;

Década de 80: como país tropical, o Brasil ainda não detém uma tecnologia avançada na produção animal. Matadouros frigoríficos instalados no Brasil = 199. Exportações: 195 mil toneladas de equivalente carcaça. PIB: R\$ 1,2 bilhão. População: 132 milhões de pessoas. Média anual.

Fonte: Ipea

Brasil: números da pecuária em 2006

Rebanho (cabeças)	204 milhões	19,0 % do mundo
Abate (cabeças por ano)	45 milhões	18,0% do mundo
Produção (t.e.c.)*	8,65 milhões	16,5% do mundo
Consumo		
Total (t.e.c.)*	6,94 milhões	13,1% do mundo
Per capita (quilo por ano)	35,10	
Exportação (t.e.c.)*	1,95	17,0% do mundo
Unidades de abate	1.500	
Aprovado geral	154	
Aprovado UE	62	

Fontes: IBGE, USDA, Secex.

* t.e.c. = tonelada equivalente carcaça

Observação: do abate nacional, os frigoríficos exportadores representam 68%. Os cinco maiores participam com 30%.

Brasil: participação na exportação (%)

Estado	2005	2006	Var. volume
SP	57	43	-21
GO	9	18	110
MT	7	18	130
MG	3	7	131
RS	5	7	61
RO	2	4	144
TO	1	2	287
RS	13	2	-84
PA	0	1	161
ES	0	1	92
PR	3	0	-85
SC	1	0	-61
RJ	0	0	-90
Total	100	100	5

Fonte: Abiec

Brasil: projeções para 2012

Item	2007	2012
1. Rebanho		
Tamanho: (milhões de cabeças)	204	204
Abate: (milhões de cabeças)	45	55
Taxa de desfrute	22%	27%
2. Exportadores		
Milhões de cabeças ano	30,6	44,0
Milhões de t.e.c. *	2,0	2,9
Investimento em infra-estrutura (R\$ bilhão)	9,6	13,8
3. Cinco maiores exportadores		
Milhões de cabeças ano	13,5	22,0
Milhões de t.e.c. *	4,2	6,9

Fonte: Abiec

* t.e.c. = tonelada equivalente carcaça

Programas de Incentivo à Produtividade para Pecuáristas

- Abertura de novos mercados e valorização da carne brasileira;
- Integração pecuária e indústria para pleno atendimento dos anseios do consumidor.

1. Visão Integrada

- Meio ambiente: Eco-Eco = Ecologicamente correto e Economicamente viável;
- Bem estar animal: pasto natural (alimentação, sombra e água);
- Responsabilidade social: geração de um emprego direto para caba bovino abatido e desossado (educação, saúde, cultura, esporte & lazer).

2. Boas Práticas Agropecuárias

- Capacitação de mão de obra;
- Tecnologia de produção de boi de capim;
- Padronização dos lotes e das carcaças;
- Rastreabilidade;
- Informação e premiação pela qualidade;
- Garantia da qualidade.

3. Certificações Internacionais

1.1. Gestão:

- Qualidade, ambiental, saúde e segurança ocupacional, responsabilidade social.

3.2. Operacional:

- Análise de perigos e pontos críticos de controle;
- Boas práticas de fabricação;
- Procedimento padrão de higiene operacional.

3.3. Conformidade

- Orgânico, boas práticas agrícolas, EurepGAP

4. Marketing

4.1. Tipificação de cortes e valor agregado;

4.2. Cadeia de frio;

4.3. transporte paletizado;

4.4. Armadores logísticos;

4.5. Carne com nome e sobrenome.

Mais informações: International Meat Conference.

O Avanço em Infra-Estrutura da Indústria Exportadora de Carne no Brasil e os Programas de Incentivo à Produtividade para Pecuáristas – Miguel G. Russo (Abiec).

EUA

Tipificação de carcaças

O Serviço de Marketing Agrícola (AMS) é um órgão federal do Departamento de Agricultura dos EUA, com 5.500 funcionários, dedicado aos produtores agrícolas e comerciantes de alimentos e tem como missão:

- Facilitar o *marketing* nacional e internacional de produtos agrícolas dos EUA;
- Garantir a sanidade e o cuidado com animais e vegetais;
- Organizar programas regulatórios e de *marketing* (PRM) para estabelecimento de padrões nacionais e internacionais. A tipificação e classificação nos EUA servem para:
- Fornecer uma linguagem comercial comum para facilitar o comércio;
- Desenvolver e manter padrões de tipificação e especificações para programa de certificação.

A aplicação de tipificações é voluntária e se trata de um serviço pago, sendo que na categoria de:

- Qualidade: reflete mudanças na qualidade prevista na carne cozida;
- Rendimento: reflete diferenças na composição de carcaças.

EUA: Grau de marmorização

<i>Slight select</i>	Leve
<i>Small choice</i>	Pouco
<i>Modest choice</i>	Modesto
<i>Moderate choice</i>	Moderado
<i>Slight abundant prime</i>	Levemente abundante

Dos 35 milhões de bovinos abatidos 81% são novilhos e novilhas; 96% tipificados e 98% de maturidade A. Segundo dados históricos de classificação e certificação de carne, a distribuição da tipificações é 0,4% *standard*; 3% *prime*; 56,3% *choice* e 40,2% *select*.

Os frigoríficos usam as categorias do USDA para determinar a qualidade e o rendimento de carcaças com base nos padrões *prime*, *choice* e *select*. Cerca de 40% são vendidos com base na tipificação e rendimento.

Os sistemas de equipamentos de tipificação ajudam a:

- Melhorar a consistência das classificações com redução das variações;
- Elevar a confiança do produtor e do frigorífico no sistema de classificação;
- Melhorar a consistência do produto final;
- Aumentar a satisfação do consumidor.

O programa de verificação de processo atua na:

- Verificação de origem e abate;
- Rastreabilidade;
- Processo de alimentação especial (pastagens);
- Afirmarções de raças (Angus);
- Práticas produtivas (naturais);
- Genética e manejo especial;
- Processos de fabricação especial etc.

Após os casos de BSE, o AMS e os governos estrangeiros se juntaram para estabelecer programas de verificação além de segurança alimentar. Há ainda os programas internacionais de verificação de processos dos EUA, que checam o Programa de Carne Bovina Argentina (inclusive a cozida) e o de Práticas de Produção do Uruguai.

Mais informações: International Meat Conference. *Sistema de Tipificação nos EUA: Passado, Presente e Futuro* -- James Butler (AMS/USDA).

EUA: evolução da tipificação

